



CRÍTICA

LITERÁRIA

Ferro Rodrigues — **NOITE SEM ESTRÊLAS**

Edições UNIVERSO

F. Morgado de Andrade — **PARA ALÉM DA BRUMA**

Coimbra EDITORA

1 Quando se diz que a emancipação de determinada obra não fica de modo algum comprometida pelo facto do seu autor ter utilizado processos técnicos ou arranjos de circunstância, sugeridos por tais ou quais influências, entende-se que há por parte do referido escritor uma preocupação de conduzir e coördonar as técnicas estranhas de modo a tirar delas o máximo rendimento, rumo a um efeito desejado.

A sobreposição de imagens dum Huxley é muito menos expressiva e muito menos movimentada que a de Dos Passos que, embora utilizando processos, no fundo, idênticos, soube dar à narrativa um colorido e uma vida intensas, provenientes de contínuas deslocções de planos e de repetidas tomadas de vista. A habilidosa narrativa confidencial de alguns contos do perigoso Saroyan já existia de modo menos pitoresco em Anatole France, p. ex. E não será verdade que em «Cannery Row» Steinbeck recorre frequentemente aos processos surrealistas? Que em Graciliano Ramos há dezenas de páginas de pseudo-introspecção (porque não se resume a repetidas sondagens como objecto descritivo de estados de alma)?

2 E ainda hoje, quando lemos Carlos de Oliveira, entre outros, reconhecemos o aproveitamento do factor paisagem com destino a um papel bem diferente daquele que até há relativamente pouco tempo, vinha assumindo. Quero referir-me ao pouco objectivismo com que ela era vista; melhor, ao

condicionamento do realismo ambiente pelo estado de espírito do indivíduo.

E isto porque no suposto-realismo que caracterisava a nossa literatura, havia mais emoção do que pròpriamente observação.

Para isto também veio contribuir em grande parte a lição mal compreendida pelos escritores portugueses que lhes veio dos paladinos da renovação literária brasileira, entre êles, Jorge Amado e Luis do Rêgo.

Porque, graças a um exame superficialíssimo, o que no fundo ficou dominando êsses escritores portugueses não foi o âmago da prosa dos escritores de além-Atlântico, nem tão pouco a sua mensagem, mas o sabor regionalista do seu estilo. E esta preocupação formal de contribuição que era, passou para êsses escritores a ocupar uma posição primordial nas suas obras.

Dêste modo o espírito alucinado do escritor não conseguiu transmitir a sua mensagem (se é que a havia mesmo) refugiando-se num simbolismo de estilo que nunca alcançava o efeito desejado, quer para falsidade do clima, quer por carência do conteúdo emocional. Tudo isto, volto a dizer, porque o espírito do artista não estava emancipado dos narcóticos emotivos que não permitem a realização dum trabalho com a serenidade e a justeza de observação imprescindíveis à consideração das realidades.

Precisamente o que me parece verificável neste livro de *Ferro Rodrigues*.

Em tôdas as páginas de *Noite sem estrêlas*, Ferro Rodrigues não consegue ocultar-nos essa impressão de que as suas páginas foram mais sentidas que vividas.

Daqui, a mediocridade da técnica utilizada, o pouco gôsto pelos processos de contar, que, por vezes, muito freqüentes, não hesita em continuar a usá-los com uma constante toada lírica mesmo diante das situações mais pungentes que o autor pretende revestir de certa crieza.

A preocupação de fazer prosa com estilo, fazendo estilo (?) sômente, domina o autor por completo. Por isso as suas personagens não são tomadas a sério. E o simbolismo do fraseado abafando a falsidade do diálogo escasso não chega dum modo geral a criar um clima favorável. Não me parece que aquela figura do velhote que se vai sentar num banco do jardim para ver as crianças brincando, necessitasse daquela série de considerações que o autor distribui pelo conto; assim o ambiente deixa de ser sugerido para o autor o recobrir com côres pouco fixas e nos declarar inconscientemente o irrealismo do tema que reforça ainda com pequenas intermitências dum diálogo pouco corrente e até absurdo.

Creio contudo que este lôgro da forma não passou despercebido a Ferro Rodrigues porquanto na composição com que abre o seu livro «Pórtico», parece ter tido apenas o intuito de aludir ao «*simbólico calvário*» do mundo de hoje, um lirismo que aqui se poderá aceitar, tratando-se duma legenda ou duma evocação de certo modo divorciada do resto do livro, à excepção, é claro, de «Searas» um post-fácio que se aceita para condições idênticas.

Mas se o autor se julgou libertado de todo o convencionalismo de expressão no resto do seu livro, se julga ter atingido aquela plasticidade que adequa a palavra ao facto e não da sujeição do facto à palavra como fez, mais não conseguiu do que corroborar a minha afirmação de que o calor interior com que fez os seus contos lhe enquistou todo o poder de auto-crítica, necessário à feitura de qualquer obra.

Repare-se ainda em contos como *Últimas Cinzas* em que o romantismo (*romantismo* é o termo justo) deturpa por completo o decorrer e até a intensidade da acção. Em «Zé Mouco» a pouca habilidade técnica conduz-nos a um emaranhado confuso de planos que não consegue dar vida à figura principal antes a apresenta falsa e a reconhecer a inverosimilhança do tema mercê de certa preocupação de fazer estilo à custa de frases, encaixadas, bombásticas e por vezes até de almanaque como aquela com que finda o conto que mais parece um arranço de teatro de décima ordem do que resultado duma preocupação de atingir certo patético.

Sem dúvida influenciado por Amado e, mais aproximadamente Redol, Ferro Rodrigues não aproveitou, como já fiz alusão, o que havia de mais importante nestes dois escritores. E isto mesmo a despeito de, segundo creio, ter julgado aproveitar.

Não se pode negar que Ferro Rodrigues sinta com intensidade o momento actual. Mas isso sentimo-lo nós pelo que conhecemos da sua vida, não pelo que se exprime na sua obra literária, onde julgou que poderia fazer bons contos optando por certa comodidade: poder cobrir, com uma prosa rendilhada, temas que, além de pouca humanidade terem, são apresentados como irreais quer pela maneira infeliz como foram tratados, como é o caso de *As Rosas encheram-se de Sangue*, quer pelo romantismo piegas (volto ao termo) de outros, como *Fim do Dia*, só inexplicáveis por falta de espírito crítico.

Assim, procurou no conto ou na novela dar-se à forma um sabor de poesia, tentando-se dêste modo provocar a emoção que, pela observação, pelo modo de expôr o tema e até pelo intrínseco do mesmo, não se conseguiu provocar.

Ainda hoje, em certas revistas de actualidades, se pode verificar tal facto. Há mesmo secções muito ilustradas onde uma

ligeiríssima crónica se requebra por entre um desfilar de frases canónicas, de imagens que, a todo o custo, era preciso encaixar, e de trocadilhos forçados. Pretende-se assim dar nas vistas. E dão. Porque tratando-se de revistas de actualidades dum modo quási total se destinam às classes burguesas ou à burguesia intelectual das camadas «bem» da sociedade.

Julgo, contudo, que este livro de Ferro Rodrigues não está destinado a esses sectores sociais. É um livro fácil que pode ter êxito, em especial, no nosso miserável meio jornalístico, o que não quer dizer que seja um livro bom.

Depois disto resta-me fazer referências a algumas composições em que o autor se apresenta numa atitude diferente do que tenho vindo a expôr.

Dirijo-me àqueles contos em que se esforçou por condensar o dramatismo das situações, sem o conseguir satisfatoriamente, umas vezes por incapacidade de criar atmosfera (*Os Três Beijos*), outras, por dificuldade de ordem técnica (*A Eterna Comédia*), onde se peca por falta de atitude crítica.

Porém, acima de tudo estes contos indicam a evasão do campo dum realismo (?) mal interpretado, em demanda dum campo mais humano. Creio que se Ferro Rodrigues pudesse refrear o lirismo da sua alma, se ao calor com que recebe e vê a vida, aliviar uma justeza de observação, calma e ordenadora, o seu próximo livro de contos, sê-lo-à de facto.

A sua *Aguarela Trágica* é uma amostra vaga do que pode fazer.

Mas uma amostra onde já se encontra uma sobriedade e uma singeleza que muito o dignifica, fazendo dêle um conto bastante apreciável.

O preço da edição é excepcionalmente acessível mas com esta observação surge-nos uma outra:

Já em tempos falámos aqui da apresentação de certas edições, em especial as da Atlântida Ed. e da Coimbra Ed. Salientámos, ao que nesta matéria se refere, as capas admiráveis de Victor Palla.

Ora em «Noite Sem Estrêlas» a capa, é dum péssimo gôsto, destruindo a idéia do autor e a destoar um pouco com a apresentação sofrível do interior do livro.

Atrevo-me a dizer isto não obstante certos jornais de opiniões fáceis terem já afirmado o contrário. Esses têm péssimo gôsto e o juízo é fácil de fazer-se.

Antes que me esqueça:

Recebi e li com atenção um livro do senhor *Morgado de Andrade* cujo titulo é *Para Além da Bruma*.

JOSÉ CARDOSO PIRES